

Mundo da vida e pesquisa em educação: ressonâncias, implicações, replicações

*World of life and researches in education:
resonances, implications, responses*

Margarete Axt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



RESUMO – É propósito aqui criar algumas possibilidades de inflexão que permitam pensar em questões postas pela via da pesquisa-formação enquanto plano de experimentação no âmbito da própria escola. Esta modalidade investigativa afirma seu aspecto pro-ativo no sentido de que: ao mesmo tempo em que o pesquisador desenvolve seu trabalho, ele não pode se descuidar da formação propriamente dita, tendo em vista um cuidado ético de respeito ao outro, nesta relação. Trata-se, também, de considerar a relação academia-comunidade segundo um vínculo de indissociabilidade e de simultaneidade entre as dimensões universitárias pesquisa-extensão (formação). Não mais pesquisa antecedendo e guiando extensão, mas pesquisa e extensão (formação) fazendo-se juntas no mesmo contexto problemático em que se encontram em contato. Esta perspectiva oportuniza desenhar um plano, ao mesmo tempo de implicação-vivenciação do mundo da vida tal como se desenrola na escola, e de experimentação-experienciação de algumas alianças entre este mundo da vida na escola e o mundo teórico da academia, não opondo um ao outro, antes compondo-os no traçado de uma filosofia primeira, assim como proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin.

Palavras-chave: Educação continuada; pesquisa-formação; pesquisa-extensão; ética-estética; implicação-experimentação

ABSTRACT – We aim to create some inflection possibilities that allow thinking about questions coming from research-formation as an experimentation plan in the very school environment. This investigative modality states proactive aspect in the sense that at the same time researchers develop their work, they cannot neglect formation, in view of an ethical care involving respect to the other in this relationship. One must also consider the relationship academy-community as a non dissociable bond and simultaneity among university dimensions of research-extension (formation). Never more research preceding and guiding extension, but research and extension (formation) aiming together in the same problematic context where they are in contact. This perspective allows to draw a plan at the same time of implication and living of the world of life as it happens in the school, and of experimentation-experienciation of some alliances between this world of life in the school and the theoretical world of the academy, not opposing one another, but rather composing them in the emergence of a first philosophy such as that proposed by the Russian philosopher Mikhail Bakhtin.

Keywords: Permanent education; research-formation; research-extension; ethics-esthetic; implication-experimentation

1 O contexto problemático

Enfrentar diariamente a molaridade institucional, a dureza do cotidiano escolar, ou mais simplesmente, a dureza do cotidiano neste tempo presente...

Subir e descer lombas... ali a chuva aprofundou a erosão, a valeta ficou mais larga que a passada que a atravessa...

... encharcar-se de chuva... onde ficou o meu guarda-chuva?... tiritar com o vento frio do inverno, o minuano, os dedos estão duros, não consigo escrever...

... será que a Rita vem hoje? Ontem ela não veio, um dos 5 irmãos dos quais ela cuida (porque a mãe está no trabalho) se machucou com uma faca... às vezes ela chega sem almoço... mas a escola oferece refeições!

Todos os dias o mesmo caderno de chamada, os mesmos nomes, o mesmo barulho, a mesma preocupação com

o silêncio... por que as crianças não se concentram? Por que não entendem este cálculo tão simples? Como posso fazer? Por que lêem o texto e não compreendem nada, mesmo sendo tão pequeno quanto o de hoje? Por que é tão difícil escrever, duas linhas que seja?... as mesmas brigas no recreio e às vezes também dentro da sala de aula... de novo meu carro foi riscado no estacionamento, disseram que foi o Marquinhos da outra turma, que anda com más companhias... a diretora não pode fazer nada...

... hoje, as crianças tropeçaram no corpo de um morto junto ao portão da escola...

Projeto político-pedagógico, currículo de atividades, programa de conteúdos por bimestre, cronogramas, as datas festivas, o tema anual da escola, a reunião de pais, o conselho de classe, provas, exercícios, conteúdos... estou tão cansada!...

Cursos de atualização, formação continuada, ganhar certificado, progressão na carreira, ganhar um pouco mais! O dinheiro lá em casa anda escasso! Minha filha adoeceu, gostaria de estar em casa... e o recurso para pagar o passeio da turma pela cidade, não chegou até agora, tenho que mudar o meu planejamento, de novo!

Como, na academia, diante deste estado de coisas, pensar em conceitos, como pensar em sistemas nos quais os mesmos se articulam, como pensar em pesquisa-formação, pesquisa na escola?

A academia – o laboratório de pesquisa, o núcleo de estudos, o ateliê experimental, a pós-graduação stricto sensu –, costuma muitas vezes estar concentrada demais nas filigranas de um construto determinado, absorva demais em seus mundos teórico-formais ou composicionais, tão absorva que acontece de o mundo sorrateiro da vida, o mundo mudo, árido e pobre da escola pública pobre não chamar a atenção, passar despercebido.

Mas a academia se envolve! A academia se *en-volve*, *volve para dentro* da vida, da escola... tem propostas para serem aplicadas, apresenta soluções, oferece sistemas articulados de processos, resultados de pesquisa, os quais é só colher e operacionalizar, explicações preciosas e plausíveis...

Negociações com o governo, políticas públicas – licenciatura, pró-docência, pró-letramento, proUCA etc... –, mais verbas para a Educação, Plano de Carreira, Cursos de formação superior em serviço, Cursos de formação continuada em serviço, recentemente bolsas de pós-graduação stricto sensu para professores em serviço, revistas especializadas na interlocução com o professor, eventos científicos e encontros de professores, projetos de pesquisa com devolução de resultados, núcleos extensionistas de estudos... Por que o “gargalo” continua... por que crianças não aprendem... por que os professores desanimam...

Talvez não seja o caso de a academia volver *para dentro* da vida, da escola ou de outros espaços, afirmando todo o conhecimento (conceitual-metodológico) possível, já à saída, desde uma perspectiva teórico-acadêmica... e se propuséssemos uma *inversão do sentido* em relação à intenção e à ação, como pensamos que seja proposto pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, em sua obra *Para uma Filosofia do Ato*?¹

Como pode o ser humano concreto, cada um de nós – o pesquisador da academia, professor da escola, os alunos –, *de dentro* do mundo da vida, do lugar onde a nossa vida acontece, incorporar o (possível) conhecimento teórico em comunhão com nossa real vida-de-dentro como *cognição responsável*?... abrir oportunidades de escolha, possibilidades de sentido...

Nesta linha de pensamento, mais uma questão se impõe para o pesquisador: seria então que a reflexão fosse de menor precisão nos seus achados, já que estaria partindo da vida comum de um simples vivente, num movimento duplamente vetorizado, seja pela visão *naïve* deste vivente comum, seja pelos processos subjetivos de identificação do pesquisador com a situação ofuscando-lhe a objetividade? Além disso, ter-se-iam tantas interpretações possíveis, quantas as cabeças interpretantes a formularem pontos de vista... Estes achados, ao fim e ao cabo, seriam de uma relatividade tão grande que já nada poderia ser concluído daí?

Para fins deste artigo, sem, de maneira alguma, esgotar qualquer dos tópicos a serem abordados, nosso propósito é antes criar algumas possibilidades de inflexão que nos permitam pensar nas questões postas pela via da *pesquisa-formação* enquanto plano de experimentação no âmbito da própria escola.

O termo *pesquisa-formação* tem sido explorado por diversos pesquisadores em educação como referência ao trabalho investigativo com foco na formação docente, suas práticas, seus princípios. Importante observar que esta modalidade investigativa vem, para determinado número de pesquisadores, crescentemente afirmando seu aspecto pro-ativo no sentido de que: ao mesmo tempo em que o pesquisador desenvolve seu trabalho, ele não pode se descuidar da formação propriamente dita, tendo em vista um cuidado ético de respeito ao outro, sempre que se trata de interrogar uma empiria cujos componentes são pessoas concretas em relação.

¹ BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato* (snt): o texto utilizado como referência vem a ser uma tradução não comercializada, destinada “exclusivamente para uso didático e acadêmico”, de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, a partir da edição americana “*Toward a Philosophy of Act*” (1993), esta traduzida do russo por Vadim Liapunov, editada por Michael Holquist e Vadim Liapunov, University of Texas Press (Austin). Sigla para referência: PFA. Eventualmente poderemos utilizar a versão americana, neste caso identificamo-la pela sigla TPA.

² PFA (p.68).

Em nosso caso, trata-se, também, de considerar a relação academia-comunidade segundo um vínculo de indissociabilidade e de simultaneidade entre as dimensões universitárias pesquisa-extensão (formação). Não mais a pesquisa antecedendo e guiando a extensão, mas pesquisa e extensão (formação) fazendo-se juntas no mesmo contexto problemático em que se encontram em contato, uma nutrindo a outra solidariamente, a pesquisa sustentando a formação e reciprocamente a formação ensinando à pesquisa... muitas vezes em relação apontando para a diversidade, a multiplicidade, a complexidade das situações vivas da realidade em que pesquisa e formação acontecem, no próprio “chão de escola”.

Consideramos que esta perspectiva muito particular da pesquisa-formação nos oportuniza desenhar um plano, ao mesmo tempo de implicação-vivenciação³ do *mundo da vida* tal como se desenrola na escola, e de experimentação-experienciação⁴ de algumas alianças entre este *mundo da vida* na escola e o *mundo teórico* da academia, não opondo um ao outro, antes compondo-os (contrapondo-os) no traçado de uma *filosofia primeira*, assim como proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin.

2 Uma filosofia primeira (uma filosofia da vida?)

O mundo no qual um ato ou ação se desenvolve, no qual ele é realmente completado, é um mundo unitário e único, experimentado concretamente: é um mundo visto, ouvido, tocado e pensado, um mundo impregnado em seu todo dos tons emocionais-volitivos da validade afirmada dos valores [...] A minha participação reconhecida produz um dever concreto – o dever de realizar a inteira unicidade, a unicidade totalmente insubstituível de ser [...] minha participação transforma cada manifestação minha (sentimento, desejo, humor, pensamento) em minha própria ação ativamente responsável⁵.

Tendo vivido no período de 1895 a 1975, este autor foi contemporâneo de duas grandes guerras mundiais e da principal revolução russa que derrubou o regime czarista e instituiu o comunismo, criando a União Soviética. No cenário acadêmico, foi contemporâneo do desenvolvimento de importantes correntes de pensamento, que marcaram época, como, só para citar alguns exemplos, a *filosofia da vida*, da qual H. Bergson foi um de seus expoentes; as *teorias auto-organizativas*, a partir da biologia mas avançando para outros campos de conhecimento, e que tiveram entre seus principais pesquisadores K. L. Bertalanffy, J. Piaget, H. Maturana e F. Varela, passando pela cibernética dos anos 50; o *estruturalismo*, que, de F. de Saussure na linguística, a C. Lévy-Strauss na antropologia, cresceu se difundiu por todas as áreas da

ciência, chegando a se tornar sinônimo universal de rigor científico. Isso, sem falar nas teorias sobre o psiquismo de Freud e Lacan, na teoria da relatividade de Einstein, na teoria das estruturas dissipativas de Prigogine, na teoria quântica, nas autotransformações da fenomenologia que ultrapassando as noções de sujeito-objeto na teoria clássica chega ao *da sein* existencialista de Heidegger... enfim, foi um período de grande efervescência na ciência, na filosofia e nas artes, uma delas arte muito recente, o cinema...

M. Bakhtin é mais conhecido por sua Filosofia da Linguagem, tendo notabilizado o conceito de Dialogismo (e os construtos teóricos que lhe concernem), segundo o que *dois enunciados podem entrar numa relação específica de sentido quando confrontados entre si* no âmbito de uma arquitetônica dialógica, compromissada com os processos de enunciação – produção no mundo real no qual uma expressão toma forma, sendo enunciada (texto, livro, comunicação verbal...) ⁶.

Conforme ele afirma, diferentemente daqueles estudos (linguísticos) com foco exclusivo nos elementos da língua, quando se está numa situação de comunicação (no sentido amplo) envolvendo uma relação dialógica, não se trata mais de estudar a oração, mas o enunciado, pois...

[numa relação dialógica] os elementos constitutivos só podem ser enunciados completos (ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos), por trás dos quais está (e pelos quais se expressa) um sujeito real ou potencial, o autor de determinado enunciado⁷.

[Contudo, observe-se que] A relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido⁸.

Por outro lado, na obra em pauta *Para uma Filosofia do Ato*, que teria sido escrita na juventude, entre 1919 e 1921⁹, o autor transcende o plano da linguagem (embora não o ignore em absoluto). Dedicar-se a pensar as próprias

³ Axt (2008). Expressão composta a partir do conceito de vivenciação de P. Ricoeur (1983).

⁴ Axt (2008). A experimentação realizando-se como experiência em ação no próprio contexto de realidade da escola, contraposta ao experimento de laboratório.

⁵ PFA (p.74).

⁶ Estética da Criação Verbal (1997, p.347) ou ECV.

⁷ ECV (p.353).

⁸ ECV (p.354).

⁹ Conforme mencionado pelos responsáveis pelas respectivas traduções americana e brasileira (v. nota pouco mais acima).

*consciências*¹⁰ que agem no mundo, a partir de seus modos de inserção nos contextos de realidade, enquanto centros de valores ou mundos individuais, produtores de atos/ações no mundo, orientando-se por sua participação única e integral no Ser em processo: *entrar no Ser precisamente onde ele não coincide com ele mesmo, entrar no evento em processo do Ser*¹¹.

Pense-se sempre no Ser (com letra maiúscula) como Ser “em processo de estar sendo”, não como *substantivo*, mas como *verbo*, em referência à vida em movimento contínuo. Sendo em *dever* no tempo que simultaneamente se escoia e produz novas possibilidades, novas formas, pura virtualidade em formação... realidade-evento concreto em sua duração atual, ao mesmo tempo história e porvir...

Esses *mundos concretamente individuais*¹², de consciências que agem, incluem momentos comuns que permitem que tais mundos possam se comunicar, interpenetrando-se no mundo real: são, no caso do ser humano, momentos (espaciais, temporais, lógicos, valorativos) que se consolidam em uma unidade concreta de realidade, correlacionados aos centros de valores concretos (as consciências que agem), a eles estando subordinados, não *sistematicamente*, mas *arquiteticamente*¹³.

Estamos entendendo que esta diferença que Bakhtin faz entre sistemático e arquitetônico remete a uma diferença entre estrutura e conjuntura respectivamente. Em outras palavras, no que concerne a uma *arquitetônica*, nós a entendemos como sendo constituída e sustentada, não por uma *estrutura* (que seria característica do mundo teórico do conceito, fosse ele hierárquico, reticular acentrado...); mas por uma *conjuntura* particular, definida por determinado espaço-tempo histórico, contextualizado, podendo ser perspectivado e valorado, composto de centros de valores diferindo entre si, vivos, moventes, mutantes, característicos do mundo da vida, do Ser-evento.

Em suma, uma *arquitetônica* concreta do mundo real diria primordialmente de um mundo efetivamente experimentado, experimentações nos próprios contextos de realidade em que se situa, através dos atos ou ações realizadas, orientados por centros de valores, estes constituídos pelas consciências que agem.

Um ato/ação pode ser também de *pensamento*, desde que seja um ato de pensar *vinculado* ao processo do Ser-evento (contínuo e movente), um ato experimentado, *entonado*... pois a *entonação* – como um efeito dos atravessamentos das afecções, como modo de implicação que faz *entrar (a consciência que age) em relação efetiva consigo mesma, dentro da unidade do evento em processo* –, concerne a um *tom emocional-volitivo*¹⁴ (afetivo) muito particular, de uma consciência, certamente diferindo de qualquer outra consciência, pelo lugar único e singular que cada uma ocupa no Ser-evento.

Os pontos básicos de construção e disposição de uma tal arquitetônica são, segundo o autor, o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*, constituindo os *momentos centrais emocionais-volitivos*, os centros de valores em torno dos quais se organizam os demais momentos constituintes.

O *eu-para-mim* se constitui *de dentro* de si, na medida em que se dá o reconhecimento de que *eu*, o *um*, existo: *existo em toda a plenitude realizadora dessa afirmação, assumindo a obrigação de dizer esta palavra!* Sendo este o *ponto de origem da ação responsável* de um *eu* que reconhece que *nada no Ser, além de mim mesmo é um eu-para-mim*, um *eu* que precisa dizer a sua palavra, só *eu* pode dizê-la desde aquele lugar no Ser, enquanto único¹⁵.

O *outro (outro-para-mim)* é um outro para o *eu*, em duas dimensões: (a) na medida em que o *um* dá de encontro com um *outro (não-eu)*, esta contraposição o faz reconhecer-se como um *eu* – eu único em sua unicidade no Ser – sendo que, neste sentido, este *outro* é sempre constitutivo do *eu*, e reciprocamente, este *outro* se torna um existente a partir de um *eu* que o percebe, a ele não sendo indiferente; (b) na medida em que é a este *outro, não-eu* que a ação do *um* se dirige, a ele respondendo responsabilmente –

Que eu, do meu lugar único no Ser, simplesmente veja e conheça um outro, que eu não o esqueça, que para mim, também, ele exista – isso é algo que apenas eu posso fazer por ele no dado momento em todo o Ser: esta é a ação que faz o ser dele mais completo, a ação que é absolutamente proveitosa e nova, e que só é possível por mim.¹⁶

Do mesmo modo como este *outro* se constitui um *outro-para-mim*, nestas duas dimensões, vale dizer nestes dois sentidos, *eu-para-outro* se constitui na relação inversa eu-outro, *eu* se constituindo em *outro* para um *outro* agora *eu*. Em uma palavra, pode-se dizer que a relação *eu-outro* sempre é uma relação de “intervenção”, constitutiva tanto do *um* como do *outro*.

¹⁰ Para R. Ruyer (ap. Alliez, 2000, p.260), o conceito de consciência pode ultrapassar a noção estrita da fenomenologia (clássica) que o remete a uma pessoa, para ser considerado na dimensão de “toda a formação ativa, em sua atividade absoluta, e toda formação é consciência”. Em Bakhtin (PFA), esta noção está desenhada no plano fenomenológico, embora nunca se tenha certeza do quanto o autor se mantém, ou não, no âmbito dos pressupostos da teoria clássica. Esta fissura de ambiguidade e ambivalência na filosofia bakhtiniana percebe-se mais aguda em trabalhos posteriores, mas em todos eles, mesmo em PFA, em alguns momentos pode-se sentir uma abertura em direção ao proposto por Ruyer (citado por Alliez).

¹¹ PFA (p.60).

¹² PFA (p.71).

¹³ PFA (p.90).

¹⁴ PFA (p.50).

¹⁵ PFA (p.58-9).

¹⁶ PFA (p.59-60).

Para o autor, é em torno desses pontos básicos centrais (o eu, o outro, o eu-para-o-outro) que todos os valores da cultura e do mundo teórico (além dos concernentes à vida) devem ser dispor – os valores científicos, estéticos, políticos, éticos, sociais, religiosos; e não o contrário, o mundo da vida se adaptar ao mundo da cultura, ao mundo teórico...

Poderíamos aventar então que, numa *filosofia primeira*, todos os valores espaço-temporais e os de conteúdo teórico seriam, por uma inversão de sentido, atraídos por estes pólos de valores (as consciências que agem) para serem incorporados a partir do lugar histórico que ocupam no Ser-evento. Não se trataria mais de o mundo teórico ser aplicado à prática, mas a vida na sua concretude incorporar o mundo teórico do conceito, para, a partir da arquitetônica do mundo real pensar os conceitos e operar com eles, a partir daí produzindo avaliações, juízos, asserções, discursos, análises, sínteses, abstrações...

Numa arquitetônica que diz do mundo real, como não poderia deixar de ser, o fato de concernir à realidade movente e à vida em seu fluxo de Ser, produz obrigatoriamente uma arquitetônica do *evento*, uma arquitetônica do *acontecimento*. Esta arquitetônica não pode ser enrijecida, ela é sempre inconclusa e aberta, uma arquitetônica que se realiza incessantemente e ativamente através da ação (e do tempo que escoia), um plano *ainda-por-ser-realizado* da orientação de uma consciência no Ser-evento em seu contínuo devir¹⁷. Trata-se de, na experiência concreta, conviver continuamente com o inacabado, com o *ainda-a-ser-realizado*, com o tempo em *devir* (ou tempo-criador-de-formas), o tempo em sua imprevisibilidade, fazendo da vida “*uma imensidade de virtualidade com tantas zonas de indeterminação quantos forem os seres vivos*”¹⁸.

Partir do *mundo da vida* para pensar a própria vida e as teorias sobre a vida; partir do mundo da vida para pensar e compreender o ser vivo concreto que age do seu lugar espaço-temporal histórico, único enquanto habita o Ser-acontecimento em processo de *Ser*, o presente *passando*, a realidade em fluxo como um constante *movente*, o tempo em contínuo *devir*: este movimento produziu, para um conjunto de pensadores, o que vem sendo chamado de *Filosofia da Vida* (muitas vezes associada, mas não necessariamente, a correntes diversas do pensamento *vitalista*, ou então aproximada às *teorias auto-organizativas* de base inicial biológica). No sentido estrito, o mundo da vida confronta diretamente um mundo do conceito, enquanto uma filosofia da vida se vê frente a frente com uma filosofia teórica, esta última estando comprometida em primeira mão com os construtos teóricos sobre o mundo, o qual o ser vivo é convidado a integrar apenas tardiamente.

Numa primeira visada, tendo em mente a intensidade das reverberações de uma *Filosofia da vida* na proposta filosófica bakhtiniana, as quais parece que se atualizam

muito claramente na obra *Para uma Filosofia do Ato* (muito embora esta orientação perpassasse também o conjunto da sua obra)¹⁹, estranha-se que Bakhtin não se considere como um filósofo da vida, embora os tenha estudado²⁰ e inclusive os critique²¹.

Para Bakhtin na obra em pauta, uma *filosofia da vida* só poderia sê-lo no âmbito de uma filosofia *moral*²². Este parece ser um ponto nodal a distanciar Bakhtin de outros filósofos da vida, conforme ele mesmo refere, mas ao mesmo tempo a vinculá-lo a uma filosofia da vida de um modo particular e original. O autor propõe uma filosofia *moral*, não no sentido do senso comum de regras a serem obedecidas segundo um código de condutas determinado prévia e hierarquicamente, mas no sentido mais filosófico de que a vida humana, atualizada no ser concreto, único, singular é, sempre, ao mesmo tempo, *responsiva e responsável*²³, gerando ao tempo em que

¹⁷ PFA (p.92).

¹⁸ Bergson (ap. Alliez, 2000; p.258).

¹⁹ Sobral (2009) parece que chega a esta mesma conclusão.

²⁰ Nas obras de Bakhtin sempre há tal ou qual comentário crítico, entre outros, também a Bergson, seu contemporâneo. No texto PFA, encontramos duas referências a esse filósofo, às pp. 31 e 39, só para citar um exemplo. Não faz parte do nosso escopo, neste momento, seguir ou detalhar essa linha de reflexão. Um texto específico deverá abordar estas questões.

²¹ Em livro publicado em 2009, por Beth Brait (org), Adail Sobral, em seu artigo (p.189-197), não apenas comenta, mas também apresenta um texto de I. Kanaev/M. Bakhtin, “O vitalismo contemporâneo” (p. 164-188), dedicado a uma extensa crítica a Hans Driesch, cientista (vitalista), só que biólogo além de filósofo, também contemporâneo de Bakhtin. Concordamos inteiramente com Sobral quando comenta que a crítica no texto sobre Driesch refere-se muito mais à metodologia da pesquisa, às análises efetuadas e ao descompasso entre o que “os fenômenos permitem dizer e o que se diz a partir deles” (p.194).

Este comentário de Sobral permite-nos desconfiar que uma crítica bakhtiniana não diretamente dirigida aos pressupostos ou princípios de uma *filosofia da vida*, mas a uma metodologia científica de trabalho de pesquisa, poderia estar visando a proteger a abordagem filosófica que, indiretamente, alimenta também a proposta bakhtiniana. O mesmo se observa quando tece críticas a Bergson. Por outro lado, o próprio Kanaev/Bakhtin, no texto crítico mencionado, apressa-se em dizer que os vitalistas em absoluto “constituem uma escola. Praticamente cada um deles encabeça sua própria escola, e, em muitas questões de extrema importância divergem profundamente entre si” (p.171). Ora, parece-nos que esta passagem ao remeter as críticas de Bakhtin aos filósofos da vida, estaria, contudo, ao mesmo tempo, se esquivando de desmerecer a abordagem filosófica em pauta, propriamente dita, a qual, em nosso entender estaria, num certo sentido, sustentando a proposta bakhtiniana como um todo (PFA concerneria, assim, também a uma escola só que uma escola encabeçada por ele, Bakhtin). Observamos que, por mais tentadora que seja, essa linha de pensamento não deverá ter seguimento no presente texto.

²² PFA (p.74).

²³ Em russo, a palavra *otvetstnost* significa ao mesmo tempo *responsabilidade* e *responsabilidade*, conforme lembram Katerina Clark e Michael Holquist (1998), estudiosos do Círculo de Bakhtin. A tradução da obra *A estética da criação verbal* (Bakhtin, 1997) contempla a palavra *responsividade* em seu texto, como que sugerindo uma fusão de ambas as acepções. O texto PFA, em português, traduz este termo como ‘responsabilidade’ (os tradutores consideraram que este termo, em português, já traz em si o sentido de responsabilidade). A versão americana TPA o traduz como ‘answerability’, buscando mais explicitamente garantir a ideia de responsabilidade. Nós estaremos utilizando uma composição *responsabilidade*, no intuito tanto de manter de forma explícita o sentido de responsabilidade, fundamental para o entendimento da noção de *dever* e de *moral* nesta obra, quanto de lembrar constantemente o sentido *responsabilidade*, fundante da arquitetônica dialógica bakhtiniana.

um ato é realmente executado, de dentro desse ser, um *dever-ser*²⁴.

Em outras palavras, poderíamos entender aqui que uma vida humana concreta – um *eu* – produz, com sua *participação* no mundo desde o seu lugar histórico e único, determinados efeitos neste mundo no qual e com o qual se encontra, e que não podem ser produzidos por nenhum *outro eu*, a ele respondendo neste processo interacional de mútua interdependência.

É o *reconhecimento*, pelo próprio *eu*, de sua efetiva participação nessa relação *eu/mundo*, uma relação de caráter eminentemente responsivo (respon^{sa}/_{di}vel), que se constitui, segundo o autor, como fundante do sentido de *responsabilidade* do ser concreto: ao mesmo tempo, respon^{sa}/_{di}bilidade, duas faces inseparáveis do mesmo ato, ato realmente executado que, enquanto *responde* ao outro e a si mesmo, também é *responsável* consigo mesmo em seu processo de auto-realização de sua própria vida, tanto quanto pelo *outro*, em vista das “intervenções” que produz e cujos efeitos reverberam em si e no outro.

Como propõe o autor, o ato respon^{sa}/_{di}vel é sempre a atualização de uma *decisão* (tácita?) de agir, sustentada no *reconhecimento* (também tácito?) de que *não há como se esquivar*: “não poder se esquivar” define para nós um ponto nodal de subjetivação do *eu*, sendo constitutivo do *eu-para-mim*, pela determinação do *outro-para-mim*, na relação *eu-outro* e sua arquitetônica. Reciprocamente, e na mesma medida, a “decisão de agir” subjetiva e constitui o *outro*, desde a perspectiva de um *eu-para-outro*. Ou seja, podemos entender que um ato realizado é sempre uma *intervenção* na relação do *um* com mundo-*outro*, uma intervenção concreta que se constitui como *passagem*, daquilo que flui *de dentro e por dentro* do ser como possibilidade de atualização, ou do interior da possibilidade como tal para a sua concretização, ocorrendo uma *única vez*²⁵.

Neste sentido, diríamos que a intervenção, como ato e como sentido, é *trágica*²⁶, ela morre no ato de sua atualização, de sua concretização, ela não sobrevive à sua efetivação no Ser em processo, está sujeita à flecha do tempo.

Por outro lado, essa intervenção *vinda de dentro, vinda por dentro* (*in-venire*, inventar, *o que vem por dentro*) do ato em processo de realização, *leva-em-conta* nele todos os fatores – desde sua historicidade ou fatualidade histórica, seu tom emocional-volitivo ou afetações de todas as intensidades, até sua validade teórica de significação. Justamente por isso esta *intervenção* produz uma ação original, única, singular naquele espaço-tempo particular, ou como gostaríamos de dizer, *inventando*, a cada vez, modos de inserção e de inscrição no *mundo-come-evento*. Neste âmbito, propomos *intervenção* como *in(ter)venção*²⁷, em que o aspecto estático, ou de

posse ou permanência, se dilui em tensão com o aspecto processual, singular, histórico que caracteriza este ato-evento no âmbito do Ser em processo.

Estas observações relacionadas ao que Bakhtin propõe como uma *filosofia primeira* ou filosofia *moral* acentuam uma realidade movente, Ser-evento em sua processualidade, movimento em fluxo, único, irreversível no tempo, simultaneamente inventivo e trágico, simultaneamente respon^{sa}/_{di}vel, inescapável, vinculado ao lugar histórico espaço-temporal em que o ato concreto se atualiza.

Como esta arquitetônica do ato no mundo real, proposta por Bakhtin, que ressalta e dá centralidade aos centros de valores concretos, pode escapar de um relativismo absoluto e solipsista? Como pode ser potencializado na Educação, compondo com o outro, com as aprendizagens, com o mundo teórico, com a busca de conceitos mais gerais, com a formação, com a pesquisa em Educação? Bakhtin ele mesmo nos entrega as respostas, imanescentes à sua arquitetônica do ato no mundo real, profundamente enraizadas nessa sua noção de *dever concreto* enquanto constituinte fundamental de uma filosofia da vida (por isso uma filosofia *moral*, ou uma filosofia do *ato ético*): o *dever concreto* como um *dever arquitetônico*, o *dever de realizar o lugar único no Ser-evento único*, parte constituinte e instituinte de uma arquitetônica do ato, contrapondo o *eu* e o *outro* em suas relações²⁸.

3 A natureza Ético-Estética de uma arquitetônica do mundo da vida

O *um* realizar o seu lugar único no Ser-evento, em uma historicidade em devir, implica inextrincavelmente uma relação entre *eu* e *não-eu*, entre *eu* e o *outro*. Nessa medida, trata-se sempre de um ato que *responde* a um outro

²⁴ No âmbito dessa reflexão, o autor chega a opor *moral* (como estando situada e implicada concretamente com a ação no mundo) e *ética* que, por estar preocupada com a universalidade do dever (ética formal), acaba por constituir um dever abstrato, *fórmula vazia de puro teoreticismo* (p.45), perdendo assim, o ato concreto, seu sentido de respon^{sa}/_{di}bilidade, e por consequência, toda sua potência. Também a ética material (ou de conteúdo), que visa à normalização de domínios específicos do conhecimento gera críticas por parte do autor, segundo o qual não haveria, neste caso, necessidade de um domínio exclusivo de uma ética material, já que cada domínio de conhecimento poderia produzir em seu interior suas normas gerais, abstratas, as quais se equivaleriam a normas científicas, necessitando de validação, para só posteriormente poderem ser aplicadas sobre um sujeito. Para além desse debate teórico, consideramos que o que Bakhtin propõe como *ato moral* pode, em nossa ótica, ser tomado como *ato ético situado no âmbito das arquitetônicas do ato no mundo real*, ou seja, um ato ético enquanto comprometido com o ato efetivamente executado no contexto de realidade, histórico, do ser concreto: é assim que temos tratado esta questão.

²⁵ PFA (p.46).

²⁶ Axt e Kreutz (2003).

²⁷ Axt e Kreutz (2003).

²⁸ PFA (p.92).

ato, assumindo inelutavelmente o seu lugar *responsável* (de respon^{sa}/_{di}bilidade) no contexto da realidade movente em que se situa, um lugar ao mesmo tempo determinado por uma história anterior de respostas e efeito desse ato a que responde, intervindo nesta série, mas de modo inconcluso: pois que no Ser-evento sempre em devir não há acabamento, apenas movimento ininterrupto, convocando a uma continuidade imanente na realização desse lugar único, que o é na medida em que se contrapõe ao outro a ele respondendo.

Neste sentido, toda *in(ter)venção* na forma de um ato sempre pode mudar tudo, dar início a outra série de atos. Decorre daí, que um lugar *único* somente é passível de se determinar na relação de contraposição a um *outro* lugar, em relação de tensão a um *outro*, no confronto entre arquitetônicas.

Eis a poética dessa relação *eu-outro* que Bakhtin nos oferece: a construção de uma existência somente se dá em profunda relação com outras existências, pois o *um* (eu) só se define e se produz na relação com o *outro* (não-um, não-eu), ressaltando-se o quanto é crucial que este *eu* possa, *de dentro* de si, *reconhecer* esta relação, a ela respondendo e assim responsabilizando-se por ela.

E estar o *um* em relação com o *outro*, contrapor-se o *um* nesta relação com o *outro*, implica crucialmente compreender o *outro*, ser capaz de, num ato de *auto-renúncia*²⁹ provisória, abandonar seu próprio lugar perspectivado, para num movimento radical de aproximação desse outro centro de valores, ver, ouvir, sentir as intensidades que o afetam: é poder, pela *empatia*³⁰, deixar-se afetar pelo que afeta o *outro*, num determinado momento. E, pela *empatia*, ao mesmo tempo responder ao *outro* (e a si mesmo) afetivamente, responsabilizando-se por esta relação de mútua afetação.

Nesta linha, desde o seu lugar histórico e único, chegar ao *outro*, pela empatia, pode também ter o sentido de *ler* o outro (autor) e *aprender* com o outro – ler seus conceitos e aprender com suas intensidades nas quais os conceitos estão envoltos; é também *escutar* o outro nas suas intensidades, registrar a sua voz enquanto pensa e expressa a sua verdade, no seu movimento de produzir uma verdade. Pois que as verdades de cada *um* estão inelutavelmente ligadas e comprometidas com este lugar histórico e único que *um* busca realizar em sua unicidade-eventicidade, e que o ato ético da empatia busca compreender em suas intensidades e também, é claro, em suas extensões. É neste sentido que as verdades do *um* e do *outro* estão em relação, interpenetram-se, contagiam-se mutuamente...

Não há nenhum relativismo aqui: a verdade (*pravda*) do Ser-evento contém dentro de si, totalmente, o absolutismo extra-temporal da verdade teórica (*istina*).³¹

O ato ético da *empatia* é a chave ofertada generosamente por Bakhtin para que o *um* tenha acesso ao lugar do *outro*, embora a empatia não possa prover uma identificação completa e plena com este *lugar do outro*, com toda a *arquitetônica do outro*. Na verdade, uma identificação empática completa e plena com o lugar do outro provocaria, para o *um* a *perda* de seu próprio lugar único: perder-se no outro, no *não-eu*, seria também desrealizar-se (no limite, a sombra, a loucura, o suicídio...).

O *um* voltar ao seu lugar, enriquecido pela empatia (parcial) com o *outro*, afastar-se do centro de valores outro, num retornar ao centro de valores próprio, eis um movimento *exotópico* (*para fora do lugar*) de distanciamento do *outro*, com potência para produzir um *ato estético* de acabamento desse *outro*: de fora desse lugar, voltar-se para esse lugar *outro*, e à distância contemplá-lo, ver-lhe os contornos, observar-lhe as possibilidades; dar-lhe, no próprio movimento de perceber-lhe as linhas que o contornam e o atravessam, um acabamento provisório como resposta respon^{sa}/_{di}vel ao *outro* (e que ao mesmo tempo lhe assegura o seu próprio lugar), profundamente afetado pelo movimento de empatia do qual se reveste o mesmo ato.

Ato ético e ato estético, dois sentidos de um mesmo movimento, duas faces de uma mesma interface relacional do *um* com o *outro*... sejam eles um teórico em relação com o mundo, dando-lhe acabamento mediante seu sistema de conceitos; ou um escritor, mediante seu livro; ou um artista, mediante sua obra; um filósofo, um cientista... ou então um professor de escola, mediante reflexão de sua prática docente; um pesquisador-formador, mediante seu relatório...

Neste sentido, uma *arquitetônica* do ato é profundamente *ética e estética* em sua própria *natureza*. Se *ética* (*ethos*) tem um sentido de *morada* – a morada do ato na relação *eu-outro*, ou a morada do ato no movimento empático de busca intensiva do lugar do outro; neste caso, *estética*³² poderia, para nós, num jogo de palavras que também remetesse à arquitetônica do ato, ser apreendida como (*est*)*ética*: *est/ex, movimento para fora do lugar da ética*.

Em outras palavras, (*est*)*ética* poderia ser apreendida como aquele distanciar-se, mediante um movimento de *exotopia*³³, para fora do lugar (ético) da relação

²⁹ PFA (p.34).

³⁰ PFA (p.32-3).

³¹ PFA (p.89). Bakhtin faz uma diferença entre *pravda* (verdade do ser, centro de valor, no mundo real) e *istina* (verdades teóricas de natureza universal, hipoteticamente válidas para todos igualmente, verdades normatizantes de que faz uso o Direito, por exemplo, e com o que o autor não contemporiza).

³² PFA (p.87).

³³ PFA (p.84).

eu-outro, para fora do lugar do *outro* onde *eu* esteve empaticamente, para então, solidariamente, *de fora* deste lugar arquitetônico da relação ética, de fora dessa morada *eu-outro*, ser capaz de contemplá-la com cuidado, com *amorosidade*³⁴, uma amorosidade tomada pelas intensidades da afetação, tomada pela escuta da voz do outro, dando-lhe acabamento, enriquecendo-o desde o seu lugar distanciado-contemplativo, ou como dirá Bakhtin em outras obras, valorando-o com seu *excedente de visão*³⁵: “contemplar esteticamente significa submeter um objeto ao plano valorativo do *outro*”³⁶...

A contemplação é a ativa, efetiva exotopicidade do contemplador com relação ao [agora] objeto contemplado. A unicidade de um ser humano esteticamente contemplado não é, por princípio a minha própria unicidade. A atividade estética é uma participação de um tipo especial, ‘objetivado’.³⁷

Se a *empatia* parece ser a chave para o ato ético na relação *eu-outro*, a *exotopia* (espacial, temporal, valorativa...) parece ser a chave para uma tomada de posição existencial de acabamento provisório e transitório dessa relação no Ser em devir: uma tomada de posição que produz um acabamento estético, mesmo que momentâneo no escoar do tempo. Uma atitude (est) ética (que se movimenta para fora da morada do ato ético) que, exatamente porque produz um afastamento, é capaz de perceber um todo provisório e assim poder responder a esse todo, responder de fora da situação, ainda investido das afetações do ato ético (na relação). O *ato estético* como um efeito em tempo simultâneo do *ato ético* em sua *in(ter)venção* no Ser-evento, contrapõe o *um* e o *outro*, mas agora numa tentativa de *objetivação* dessa relação, transformando-a em *objeto estético* de valoração de um existente, de compreensão valorativa de uma arquitetura.

E é como efeito dessa arquitetura profundamente enraizada numa ética-estética que o lugar histórico único do *um* (eu) pode se realizar em sua unicidade e singularidade no grande evento do Ser em processo de contínuo devir.

4 O lugar da pesquisa-formação

O pesquisador aproximar-se, pela empatia, da arquitetura do mundo real do professor na escola, do aluno na sala de aula, não é perder-se neste mundo, confundir-se com ele, viver a vida desse professor... Trata-se antes de traçar um plano intermediário entre

centros de valores, entre pesquisador e professor(es), plano que oportunize o encontro *eu-outro*, constituindo *in(ter)venção* que abre possibilidades de vivenciação e de experimentação de relações *eu-outro*, de interpenetração de centros de valores, numa busca de mútua compreensão desses mundos arquitetônicos.

O *ato ético* do *eu-pesquisador* que, pela empatia, assume uma atitude de escuta da voz do *outro-professor*, e de busca de compreensão do mundo desse *outro-professor*, é oportunizado nestes planos de encontro, instituindo-se como *in(ter)venção* com potência criativa: na medida em que o ato ético se faz escuta, abre espaço para expressão do *outro-professor*, para descrições e narrações entabuladas pelo *outro-professor*; descrever, narrar sua prática docente é colocar-se em perspectiva, afastando-se exotopicamente do mundo da sala de aula, do mundo da prática docente, para contemplá-lo de fora deste seu lugar de prática, uma contemplação amorosa que oportuniza perceber um todo, para dar-lhe acabamento, um acabamento que é de ordem estética. Mas este exercício de atividade estética em relação ao seu lugar de prática docente demanda, de outro lado, como condição de viabilização de afastamento exotópico, o ato ético responsivo de aproximação e interlocução com outros universos de valores, outras arquitetônicas (do pesquisador, dos outros colegas professores, dos autores teóricos): o professor coloca, assim, a arquitetura do seu próprio mundo real de sala de aula em perspectiva na proporção em que lhe dado aproximar-se de outras arquitetônicas concretas e teóricas.

Contemplar o seu lugar de prática docente de fora deste mesmo lugar (a sala de aula), pela via do afastamento enriquecido pela interlocução com mundos arquitetônicos outros, oportuniza a esse professor refundar criativamente seu lugar docente. A atividade estética (exotópica) é também uma *in(ter)venção*, uma intervenção amorosa, abrindo possibilidades criativas.

Este plano arquitetônico que faculta o encontro interlocutivo-responsivo, tanto quanto a atividade de ordem estética, produz, a um só tempo: (a) um debruçar-se de fora e à distância sobre *algo-dado* (o lugar da prática docente onde se encontram em relação professor e alunos com foco nos processos de ensinar e aprender); (b) e um perscrutar de um *algo-em-devir*, um *algo-a-ser-realizado* (um lugar em processo de Ser, pura virtualidade).

O plano de encontro traçado pelo pesquisador adquire densidade na medida em que se torna, para o professor em relação, além de um *plano de encontro ético* com outros universos incluindo o universo teórico dos autores convocados, um *plano também de contemplação estética* de sua própria ação docente na relação com seu aluno.

Esta dupla função do plano traçado pelo pesquisador oportuniza ao professor, ao encontrar-se com outros universos de valor, afastar-se do mundo de relação

³⁴ PFA (p.81).

³⁵ ECV (1997).

³⁶ PFA (p.92).

³⁷ PFA (p.90).

com o aluno (mundo da ação docente na sala de aula) e virtualizar esta ação colocando-a como uma entre outras possibilidades. Ao regressar a seu mundo de docência ele estará perspectivado, vale dizer enriquecido por um plano de virtualidades ao qual responder: o dever respon^{sa}/_{di}vel do ato ético no seu lugar de prática docente (na relação com o outro-aluno) adquire maior plenitude de possibilidades de escolha pela in(ter)venção da atividade estética, enquanto oportunizada pelo plano de encontro traçado pelo pesquisador. Eis o plano na dimensão da formação!

O mesmo plano de encontro traçado pelo pesquisador é também simultaneamente um plano na dimensão da pesquisa. Trata-se agora do encontro do pesquisador com outros universos de valores, os dos professores, além dos universos dos autores convocados para a interlocução *neste plano*. Parece ser, também, um momento de afastamento do seu universo de estudos e interlocuções acadêmicas para colocá-los em perspectiva, contemplando-os exotopicamente numa atitude de amorosidade em relação a este mundo distanciado, sendo-lhe dado perceber os contornos desse mundo e o seu fazer-ser neste mundo. Colocar-se, e a seu mundo, em perspectiva contemplativa torna-se condição de viabilidade de encontro com os mundos dos professores e dos teóricos convocados, no plano de pesquisa traçado: condição de possibilidade de vivenciação e experimentação desses outros mundos, para, num ato ético de responsividade colocá-los em interlocução dialógica.

É só então que, num novo movimento de distanciação exotópica – agora em relação a este plano de encontro pesquisador-professores-teóricos anteriormente traçado enquanto plano de pesquisa-formação – ... é só então que o pesquisador, de fora deste plano, passa a exercer sua atividade estética de contemplação amorosa, expressando-se em linguagem acadêmica sobre esse plano: o trabalho acadêmico será também a expressão de uma atividade estética, naquilo que ela tem de especial, ou seja de objetivação do plano de pesquisa-formação.

Os universos contemplados (incluindo *eu*) se apresentam como *outros* refundados por *mim-pesquisador*, outros que não são mais propriamente os outros *únicos*, concretos (sujeitos éticos) que estavam em relação no plano de encontro traçado pelo pesquisador, mas outros *objetivados* por um sujeito estético. Em sua atividade de contemplação exotópica o sujeito estético (pesquisador-contemplador) produz um plano de virtualidades inacabadas em seu devir para onde joga os universos-em-relação que se encontravam no plano traçado da

pesquisa-formação. É justamente este movimento de virtualização dos universos concretos de valor que insere e inscreve na realidade movente novas possibilidades para a pesquisa-formação, para a educação: achados da pesquisa, possibilidades de escolhas, decisões para o agir respon^{sa}/_{di}vel, num processo contínuo, ininterrupto de sempre outras circularidades criativas.

Em síntese, pesquisar, formar, aprender, ler escrever, estudar, conhecer são sempre movimentos numa relação de composição concomitantemente contrapondo *eu-outro-em-relação*: efeito da simultaneidade oportunizada por uma ética-estética dialógica, de aproximações intensivas (por empatia) e afastamentos contemplativos (por exotopia), abrindo para outro efeito simultâneo: de possibilidade de compreensão e de produção de acabamentos provisórios pela via dos processos de virtualização de uma realidade-evento abrindo a possibilidades de escolhas construtivas-criativas (aprendizagens, achados de pesquisa, conhecimento, reflexões).

Referências

- ALLIEZ, E. Sobre o bergsonismo de Deleuze. In: ALLIEZ, Eric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed 34, 2000.
- AXT, M. Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2009.
- AXT, M.; KREUTZ, J.R. Sala de aula em rede: de quando a Autoria se (Des) dobra em Inter(ven)ção. In: FONSECA, T.M.G.; KIRST, P.G. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato* [snt.]. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- KANAEV, I.; BAKHTIN, M. O vitalismo contemporâneo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RICOUER, P. *Metáfora viva*. Porto: Rés, [1983].
- SOBRAL, A. O vitalismo contemporâneo: um momento interdisciplinar do Círculo de Bakhtin? In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido: 26 de novembro de 2010
Aprovado: 20 de dezembro de 2010
Contato: maaxt03@gmail.com